

PROFISSIONAIS QUE ATUAM NO ÂMBITO DA ATENÇÃO PRIMÁRIA EM SAÚDE QUE FORAM ACOMETIDOS POR TRANSTORNOS MENTAIS E COMPORTAMENTAIS NO ESTADO DE MINAS GERAIS ENTRE OS ANOS DE 2017 E 2021

Maria Alice Pereira Coelho¹
Gabrielle de Castro Clemente²
Ana Lígia de Souza Pereira³
Kelly Aparecida do Nascimento⁴
Jhon Pedro Veggi Sleutjes⁵
Lucio Flávio Sleutjes⁶
Renata Aparecida Fontes⁷

mariaalicedt06@gmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO

Com o desenvolvimento tecnológico é possível observar trabalhos que demandam cada vez mais das atribuições mentais dos colaboradores, estudos realizados recentemente descrevem um aumento progressivo de transtornos mentais comportamentais relacionados ao ambiente de trabalho com destaque ao adoecimento dos profissionais da saúde, sendo assim faz se necessário refletir quais profissionais da área da saúde foram mais acometidos por transtornos mentais comportamentais. O presente estudo tem como objetivo caracterizar profissionais que atuam no âmbito da atenção primária em saúde que foram acometidos Transtornos Mentais e Comportamentais no estado de Minas Gerais entre os anos de 2017 e 2021. Trata-se de um estudo descritivo de abordagem quantitativa os dados foram obtidos por meio do Sistema de Informação de Agravos de Notificação, no estado de Minas Gerais entre o período de 2017 e 2021. Por se tratar de um Trabalho de Conclusão de Curso os resultados e discussões se encontram em andamento e até o momento foi observado que os profissionais mais acometidos por Transtornos Mentais e Comportamentais foram os agentes comunitários de saúde e profissionais da equipe de enfermagem.

¹ Acadêmica do curso de Enfermagem do Centro Universitário UNIVÉRTIX - Matipó

² Acadêmica do curso de Enfermagem do Centro Universitário UNIVÉRTIX - Matipó

³ Graduada em Enfermagem. Mestre em Gestão Integrada do Território - UNIVALE. Coordenadora e Professora do curso de Enfermagem do Centro Universitário Vértice - Univértix.

⁴ Educadora Física- Psicopedagoga- Mestre em Meio Ambiente e Sustentabilidade - Pró-reitora de Pesquisa e Extensão do Centro Universitário Vértice - Univértix

⁵ Acadêmico de Medicina do Centro Universitário de Valença

⁶ Graduado em Fisioterapia, mestre em Motricidade e doutor em Cinesiologia. Reitor do Centro Universitário Vértice - Univértix

⁷ Farmacêutica Bioquímica Analista Clínica – Mestre em Ciências Farmacêuticas. Professora da UNIVÉRTIX – Centro Universitário.

PALAVRAS-CHAVE: transtornos mentais comportamentais, saúde do trabalhador, profissionais da saúde.

INTRODUÇÃO

A crescente globalização no decorrer dos anos contribui para mudanças no perfil de adoecimento dos trabalhadores, resultando no progressivo afastamento por Transtornos Mentais e Comportamentais (TMC's) (FERNANDES *et al.*, 2018). Calcula-se que aproximadamente 30% dos trabalhadores sejam acometidos por TMC leves e cerca de 5% e 10% encontram com problemas psicológicos em estado grave (LEITE, 2020).

Estima-se que os TMC's representam 13% de todas as enfermidades, eles afetam por volta de 700 milhões de pessoas no mundo. A depressão, a ansiedade e o estresse estão no topo da lista de TMC'S que mais acometem a população. A ansiedade acomete cerca de 10 milhões de pessoas e o estresse já é considerada uma epidemia global. De 350 milhões de pessoas, 5% das pessoas no mundo são afetadas pela depressão, e no Brasil a depressão atinge aproximadamente 10% da população (OLIVEIRA *et al.*, 2019)

Segundo Bastos *et al.* (2018), os TMC's no ambiente de trabalho ocorrem devido as cargas excessivas de trabalho, as cobranças, a pressão pelo cumprimento de metas, as normas e regimentos das instituições, afetando de maneira negativa a saúde mental dos indivíduos acarretando o afastamento do profissional. O absenteísmo laboral, além de gerar estresse aos gestores com a redistribuição de tarefas, ocasiona a sobrecarga dos demais funcionários, e são responsáveis por perdas de produtividade e conseqüentemente a perda da qualidade do serviço prestado além de perdas econômicas (CARLOTTO *et al.*, 2019).

O afastamento do trabalho é responsável pela antecipação de aposentadorias e invalidez e tornou-se a terceira causa das concessões de benefícios concedidos pela Previdência Social Brasileira entre 2008 e 2011 (CARLOTTO *et al.*, 2019). Além disso, segundo o Ministério do Trabalho e Previdência (2018) os TMC's foram responsáveis pelo afastamento de 178 mil pessoas do trabalho em 2017.

A prevalência de TMC nos trabalhadores da área da saúde está entre 16% e 46,9% em diferentes regiões do Brasil. Além disso, sintomas como irritabilidade,

depressão, ansiedade, mau humor, dificuldade de concentração são característicos dos TMC's. O serviço em saúde é uma área que expõem o trabalhador a constantes níveis de estresse por lidar com sofrimento e dor diariamente, podendo ter como agravantes do estresse ocupacional a má distribuição de tarefas e condições precárias de trabalho (SOUSA *et al.*, 2021).

Com isso, é formado um ambiente que pode proporcionar o adoecimento aos próprios profissionais. Essa situação está associada a sentimentos de insatisfação e desânimo, que juntos com o cansaço físico e mental tornam-se fatores para os TMC's. (SANTOS *et al.*, 2017)

Na pandemia de Covid-19 os profissionais de saúde ficaram expostos não somente aos riscos da doença, mas à sobrecarga de serviço, escassez de equipamentos de proteção individual e recursos humanos, isolamento social, medo, e ao estresse ocupacional elevado, contribuindo para o surgimento de TMC's como a ansiedade, depressão, nervosismo e alteração do sono (SOARES, 2022).

Diante o exposto faz de necessário refletir quais os profissionais da área de saúde foram mais acometidos por TMC's no estado de Minas Gerais entre 2017 e 2021?

Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo caracterizar profissionais que atuam no âmbito da atenção primária em saúde que foram acometidos por Transtornos Mentais e Comportamentais no estado de Minas Gerais entre os anos de 2017 e 2021.

Trabalhos como esses são importantes pois contribuem para a obtenção de dados da atual situação de saúde pública, contribuindo para a formulação de políticas públicas no âmbito da saúde mental.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os TMC's se caracterizam por alterações do humor, do comportamento e do modo de pensar. Apresentam sintomas variados que podem ser transitórios ou duradouros como: fadiga, insônia, esquecimento, irritabilidade, dificuldade de concentração, esquecimento, além de queixas depressivas e ansiosas, que geram angústia e deterioração do modo de pensar (MAYTE; GABRIELLE, FERNANDO, 2019). Segundo Santos *et al.*, (2019) tais alterações acarretam uma incapacitação

funcional, causando prejuízos psicossociais ao indivíduo além de um alto custo econômico e social.

Segundo Alves (2010) a saúde mental tem um conceito amplo, mas nem sempre uma definição única, ela vai além do que apenas uma falta da perturbação mental. De acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde – OPAS e a Organização Mundial de Saúde (OMS), o sofrimento mental vem se tornando mais evidente nas últimas décadas por adquirir proporções alarmantes, causando assim o crescimento da população afetada por transtornos mentais, sendo importante dar ênfase que os transtornos mentais representam quatro das dez causas de incapacitação no mundo (DOS REIS *et al.*, 2013).

Em um estudo conduzido por Santos *et al.*, (2019) em uma amostra de 3.618 sujeitos foi possível observar uma maior prevalência de TMC principalmente em mulheres, viúvos, pessoas idosas com 60 anos ou mais, desempregados, quem nunca frequentou a escola, e quem possuía renda familiar de até um salário mínimo, o estudo ressalta a importância dos determinantes sociais de saúde para a interpretação dos dados no que tange a gênero e classe social.

No século XXI tem sido cada vez maior a ocorrência de TMC, Andrade e Dantas (2015) ressalta dentre os fatores casuais, as atividades laborais do âmbito de trabalho pois contribuem para o desenvolvimento desses distúrbios. Sabe-se que o mercado de trabalho caminha para uma tendência de empregos que requerem cada vez mais das atribuições mentais dos colaboradores com atividades que demandam de maior uso das informações e tecnologias de comunicação, trabalhadores altamente qualificados, e intensificação do ritmo laboral (MAYTE; GABRIELLE, FERNANDO, 2019).

A ansiedade se encontra presente em todas as faixas etárias e cantos do mundo, sendo o Brasil o país que possui a maior taxa de ansiedade 9,3% e a quinta maior quando se trata de depressão 5,8%. Alguns pesquisadores defendem que epidemias de qualquer natureza geram impactos econômico ou psicossocial negativos e incalculáveis sobre a população, nessa perspectiva a situação de estresse que vários profissionais passaram para se adaptar à novas rotinas e desafios impostos pela pandemia da SARS- CoV -2 foi capaz de ocasionar consequências graves para saúde física e mental (LIPP; LIPP, 2020).

Em um estudo desenvolvido por Lipp e Lipp (2020), com uma amostra de 3.223 trabalhadores brasileiros de diferentes classes e estados onde 60% se autodiagnosticou com stress, 57,5% com ansiedade, 26% depressão e 14% pânico diante a pandemia e a necessidade de deslocamento para o serviço. Sendo fatores que corroboraram para tais adoecimentos mentais a instabilidade política, possível contaminação de pessoas da família, sobrecarga de trabalho no home Office, finanças, e incertezas quanto ao futuro.

O trabalho é um eixo fundamental na vida do ser humano, e ele pode se tornar um ambiente de prazer ou de sofrimento, sendo capaz de causar diferentes tipos de sofrimentos psíquicos aos trabalhadores. O sofrimento no ambiente de trabalho é, portanto, inevitável, pois estabelece relação com o real, e pode ser transformado em criatividade e prazer ou frustração, isolamento e solidão sendo o último causador de transtornos psíquicos (MAYTE; GABRIELLE, FERNANDO, 2019).

Portanto o trabalho não é descrito apenas como um meio de sustento financeiro e material, mas também como uma maneira de suprir as necessidades do ser humano tanto sociais como um auxílio na formação de sua personalidade, é dito que as condições de saúde física e mental de um sujeito não podem ser desvinculadas de sua atividade profissional (DAL'BOSCO, BASSANI *et al.*, 2020).

De acordo com Ludermir (2005) tanto entre homens como entre mulheres, o desemprego também é um importante predominate para a ocorrência dos TMC. Além disso, características do processo de trabalho, com a instabilidade, a insatisfação, o estresse no ambiente de trabalho, pagamento por produtividade, baixa remuneração e o controle rígido e autoritário de alguns indivíduos, esses são fatores que contribuem no comprometimento da saúde mental dos trabalhadores.

Quando se pensa na relação entre ambiente de trabalho fator determinante para saúde mental, o âmbito da saúde se destaca por ser um local onde os profissionais de saúde rotineiramente lidam com intensas emoções, como sofrimento medo e morte, além de altos níveis de estresse o que leva à exaustão física e mental. Destacando-se algumas condições presentes em todas as profissões de saúde como depressão, Síndrome de Burnout, tendências suicidas, baixa qualidade de vida (SILVEIRA *et al.*, 2016)

Pensando nisso Leite (2020) ressalta que poucas são as empresas que buscam identificar e dar suporte aos profissionais acometidos pelo sofrimento emocional, além de não oferecerem condições dignas e adequadas de trabalho, e explica diferentes dimensões essenciais para compreensão da qualidade de vida como o bem-estar físico, emocional, social, profissional, intelectual, ambiental e espiritual. Essas dimensões podem ser temas para ser analisados individualmente nas organizações, segundo o autor percebe –se um maior número de empresas em busca de condições que favoreçam a saúde mental de seus trabalhadores.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo de abordagem quantitativa, “a pesquisa quantitativa pretende e permite a determinação de indicadores e tendências presentes na realidade, ou seja, dados representativos e objetivos” (MUSSI, *et al.*, 2019).

Os dados foram obtidos por meio do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), no estado de Minas Gerais entre o período de 2017 e 2021. Foram coletadas informações dos profissionais da área da saúde envolvidos no âmbito da atenção primária a saúde, considerando as seguintes variáveis, sexo, faixa etária, ocupação profissional e escolaridade.

Os dados serão organizados em tabelas do aplicativo Excel e serão apresentados por dados estatísticos descritivos em frequência absoluta e relativa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por se tratar de um Trabalho de Conclusão de Curso os resultados e discussões se encontram em andamento sendo apresentado nesse momento apenas resultados parciais.

No período investigado foram notificados 212 profissionais de saúde do âmbito da atenção primária acometidos por TMC's. A Tabela 1 apresenta a distribuição desses profissionais por ocupação.

Tabela 1: Números de casos de adoecimento mental por ocupação

OCUPAÇÃO	Nº DE CASOS	%
Agente comunitário de saúde	73	34,4%
Técnico de Enfermagem	58	27,3%
Enfermeiro	52	24,5%

Médico	11	5,1%
Psicólogo	8	3,7%
Técnico de higiene dental	3	1,4%
Dentista	2	0,9%
Fisioterapeuta	2	0,9%
Nutricionista	2	0,9%
Farmacêutico	1	0,4%
Total	212	

Fonte: Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN)

Os profissionais mais acometidos por TMC's foram Agentes Comunitários de Saúde (ACS) correspondendo a 34,4% (78) do total de casos, técnicos de enfermagem com 27,3% (58) e enfermeiros com 24,5% (52). Esses casos em conjunto correspondem à 86,2 % do total da amostra.

Em estudo realizado por Santos *et al.*, (2017) na cidade de Montes Claros no estado de Minas Gerais, em uma amostra de 231 ACS foi possível observar que destes, 96 apresentavam TMC, o que corresponde à 41,6% do total da amostra. Segundo os autores, fatores específicos da profissão como: residir na comunidade atuante há pelo menos dois anos, possuir características sociais dentre elas solidariedade e liderança, além de disponibilidade de tempo integral faz com que essa categoria apresente um perfil mais social que técnico, acarretando um maior adoecimento mental dessa classe trabalhadora.

Fernandes, Soares e Silva (2018) em seu estudo de revisão bibliográfica buscando a relação causal do trabalho e os transtornos mentais nos profissionais da enfermagem, cita como fatores que colaboram para esse adoecimento mental, as sobrecargas e jornadas excessivas de trabalho, baixa remuneração, padrão de sono prejudicado e relação diária com o sofrimento e a dor. Ressalta ainda alta demanda física e psicológica dessa classe e que em âmbito hospitalar, profissionais do sexo feminino vem apresentando uma elevada taxa de absenteísmo laboral, devido aos fatores estressores que estão além das responsabilidades laborais, como a necessidade de cuidar da família.

O trabalho de enfermagem demanda um alto nível de exigência e complexidade do profissional, tendo responsabilidade pelo cuidado do ser humano e de sua família, o núcleo do trabalho em equipe de enfermagem é o cuidado em suas dimensões técnicas, comunicativas e interativas com o usuário, quando o local de trabalho oferece condições precárias, faltas de recursos materiais, desvalorização

da profissão pode sugerir a maior susceptibilidade ao adoecimento mental, ocasionando na perda do significado de seu serviço, espelhando em sentimentos de ansiedade, irritabilidade, angústia insatisfação e adoecimento intelectual (SOUSA *et al.*, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o momento foi possível detectar que ACS e profissionais da equipe de enfermagem foram os mais acometidos por TMC's. No que se refere aos profissionais ACS fatores específicos da profissão podem colaborar para o adoecimento mental dessa classe, evidenciando uma situação preocupante com relação à saúde dos mesmos. Com a finalização do trabalho novas observações poderão ser realizadas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Alexandra Marinho; RODRIGUES, Nuno Filipe Reis. Determinantes sociais e económicos da Saúde Mental. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, Portugal, v. 28, n. 2, p. 127-131, 2010.

ANDRADE, Gabriela Oliveira; DANTAS, Rosa Amélia Andrade. Transtornos mentais e do comportamento relacionados ao trabalho em médicos anestesiológicos. **Revista Brasileira de Anestesiologia**, Botafogo, v. 65, n.6, p. 504-510, 2015.

BRASIL, Ministério do Trabalho e Previdência, **Transtornos mentais e comportamentais afastaram 178 mil pessoas do trabalho em 2017**, Brasília, 2018. Acesso em: 19/03/2023. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/noticias-e-conteudo/trabalho/repositorio-de-noticias-trabalho/trabalho/ultimas-noticias/transtornos-mentais-e-comportamentais-afastaram-178-mil-pessoas-do-trabalho-em-2017>

CARLOTTO, Mary Sandra *et al.* Prevalência de Afastamentos por Transtornos Mentais e do Comportamento Relacionados ao Trabalho em Professores. **PSI UNISC**, Santa Cruz, v.3, n.1, p. 19-32, jan/jun 2019.

DAL'BOSCO, Eduardo Bassani *et al.* A saúde mental da enfermagem no enfrentamento da COVID-19 em um hospital universitário regional. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 73, 2020.

DE FREITAS MUSSI, Ricardo Franklin *et al.* Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revista Sustinere**, v. 7, n. 2, p. 414-430, 2019

DOS REIS, Leonardo *et al.* 8 Transtornos Mentais orgânicos em um ambulatório de saúde mental brasileiro. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n.9, p.48-53, jun. 2013.

FERNANDES Márcia Astrês *et al.* Mental and behavioral disorders in workers: a study on work leave. **Revista de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.52, e 03396, 2018.

FERNANDES, Márcia Astrês; SOARES Leone Maria Damasceno; SILVA Joce Soares e; Transtornos mentais associados ao trabalho em profissionais de enfermagem: uma revisão integrativa brasileira. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, v.16, n.2, p.218-224, 2018.

LEITE, Luciano S. **Saúde mental no trabalho e atitude empreendedora**. Editora Saraiva, 2020. E-book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#!/books/9786558110491/>. Acesso em: 21 mai. 2023.

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes; LIPP, Louis Mario Novaes. Stress e transtornos mentais durante a pandemia da COVID-19 no Brasil. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 40, n. 99, p. 180-191, 2020

LUDERMIR, Ana Bernarda. Associação dos transtornos mentais comuns com a informalidade das relações de trabalho. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 3, p. 198-204, 2005.

OLIVEIRA, Danielle Machado *et al.* Afastamento do trabalho por transtornos mentais e comportamentais entre profissionais de enfermagem. **Revista Cuidarte**, Bucaramanga, v. 10, n. 2, p. 1-11, mai/ago 2019.

SANTOS, Ana Maria Vitória de Souza *et al.* Transtornos mentais comuns: prevalência e fatores associados entre agentes comunitários de saúde. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, n. 2, v. 25, p. 160-168, 2017.

SANTOS, Gustavo de Brito Venâncio dos *et al.* Prevalência de transtornos mentais comuns e fatores associados em moradores da área urbana de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, n.11, p. e00236318, 2019.

SOARES, Juliana Pontes *et al.* Fatores associados ao burnout em profissionais de saúde durante a pandemia de Covid-19: revisão integrativa. **Saúde em debate**, Rio de Janeiro v.46, n. especial 1, p.385-398, 2022.

SOUSA, Camila Carvalho de *et al.* Job dissatisfaction, psychosocial aspects, personal satisfaction, and mental health of male and female health workers. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.37, n.7, p. e00246320, 2021.

SOUSA, Kayo Henrique Jardel Feitosa *et al.* Transtornos mentais comuns entre trabalhadores de enfermagem de um hospital psiquiátrico. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.32, n.1, p.1-10, 2019.

AMAZARRAY, Mayte Raya; OLIVEIRA, Gabrielle Farias; FEIJÓ, Fernando Ribas. Contexto de trabalho e transtornos mentais comuns em trabalhadores do judiciário federal no Rio Grande do Sul, **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 687-694, 2019.

SILVEIRA, Ana Luiza Pereira da *et al.* Síndrome de Burnout: consequências e implicações de uma realidade cada vez mais prevalente na vida dos profissionais de saúde. **Revista Brasileira Medicina do Trabalho**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 275-84, 2016.